



Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética 3

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

**Ensino e Aprendizagem como Unidade
Dialética**
3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem Como Unidade Dialética; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-482-5 DOI 10.22533/at.ed.825191507 1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. CDD 371.102
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquietos” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 43 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas preposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimentamos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos (algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES DE ATENDIMENTO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA REDE PRÓPRIA DE ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA E NA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA DO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS-GO	
<i>Bráulio Brandão Rodrigues</i> <i>Nathália Ramos Lopes</i> <i>Daniela Cristina Tiago</i> <i>Danianne Marinho e Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915071	
CAPÍTULO 2	12
A EXPERIMENTAÇÃO ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO QUÍMICO	
<i>Paulo Vitor Cardoso Figueiredo</i> <i>Angelita Silva Machado</i> <i>Samuel Robaert</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915072	
CAPÍTULO 3	21
AÇÃO EDUCACIONAL PARA CONTROLE DA GLICEMIA SANGUÍNEA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Sally Cristina Moutinho Monteiro</i> <i>Ilka Kassandra Pereira Belfort</i> <i>Leticiane Teixeira Castro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915073	
CAPÍTULO 4	33
APLICAÇÃO DE METODOLOGIA COM ENFOQUE CTS NO CURSO DE FARMÁCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Kione Baggio Bordignon</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915074	
CAPÍTULO 5	38
ARTE-PERFORMANCE: EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>José Valdinei Albuquerque Miranda</i> <i>Carla Alice Faial</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915075	
CAPÍTULO 6	51
AS “TRÊS MARIAS” E O SOL: RECURSO DIDÁTICO À LUZ DA EPISTEMOLOGIA DE GASTON BACHELARD	
<i>Marcelo Antonio Amorim</i> <i>Edite Maria dos Anjos</i> <i>Virgínia Marlene Correia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915076	

CAPÍTULO 7	57
CURSOS TÉCNICOS A DISTÂNCIA: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA PROFUNCIÓNÁRIO NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO	
<i>Marize Lyra Silva Passos</i>	
<i>Danielli Veiga Carneiro Sondermann</i>	
<i>Isaura Alcina Martins Nobre</i>	
<i>Mariana Biancucci Apolinário Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915077	
CAPÍTULO 8	71
DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS NO ESPAÇO ESCOLAR: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS – ARTE, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<i>Mikael Miziescki</i>	
<i>Marcelo Feldhaus</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915078	
CAPÍTULO 9	76
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: O IFPR – CAMPUS PARANAÍ EM CONTEXTO	
<i>Valeriê Cardoso Machado Inaba</i>	
<i>José Barbosa Dias Júnior</i>	
<i>Antão Rodrigo Valentim</i>	
<i>Rafael Petermann</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915079	
CAPÍTULO 10	86
ESCOLA E UNIVERSIDADE: FORTALECENDO DIÁLOGOS ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
<i>Edileuza Dias de Queiroz</i>	
<i>Renato Gadioli Augusto</i>	
<i>Guilherme Preato Guimarães</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150710	
CAPÍTULO 11	97
EXPERIMENTOS INVESTIGATIVOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA	
<i>Raquel Pereira Neves Gonçalves</i>	
<i>Mara Elisângela Jappe Goi</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150711	
CAPÍTULO 12	107
FIOS E TRAMAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR: SABERES E FAZERES NA FORMAÇÃO DOCENTE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	
<i>Regina Celi Frechiani Bitte</i>	
<i>Vilmar José Borges</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150712	

CAPÍTULO 13	122
HIDROGÊNIO: UM OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE QUÍMICA ORGÂNICA	
<i>Ingrid Souza Brikalski</i>	
<i>Denis da Silva Garcia</i>	
<i>Claiton Marques Correa</i>	
<i>Bruno Siqueira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150713	
CAPÍTULO 14	128
INTEGRANDO JUVENTUDE E INFÂNCIA: ENSINANDO E APRENDENDO EM DIFERENTES CONTEXTOS	
<i>Camila Ribeiro Menotti</i>	
<i>Elexandra Sueli Wagner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150714	
CAPÍTULO 15	137
METODOLOGIA DE PROJETOS E A EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Andréa Cristina da Silva Viana</i>	
<i>Raquel Aparecida Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150715	
CAPÍTULO 16	144
O ESTÁGIO COMO ENCONTRO NOS CURSOS DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA	
<i>Sandra Regina dos Reis</i>	
<i>Klaus Schlünzen Junior</i>	
<i>Okçana Battini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150716	
CAPÍTULO 17	158
OS DESAFIOS DAS PESQUISAS NO CAMPO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO: CARTOGRAFANDO POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS	
<i>Aurélia Regina de Souza Honorato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150717	
CAPÍTULO 18	167
POBREZA DE EXPERIÊNCIA CONTRAPONDO-SE AO ACÚMULO DE INFORMAÇÕES NO SÉCULO XXI, À LUZ DAS TEORIAS DE JORGE LARROSA E WALTER BENJAMIN	
<i>Mariluci Almeida da Silva</i>	
<i>Cintia Luzana da Rosa</i>	
<i>Janine Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150718	
CAPÍTULO 19	172
RECICLAGEM DE MATERIAIS – UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO MÉDIO	
<i>Venina dos Santos</i>	
<i>Maria Alice Reis Pacheco</i>	
<i>Magda Mantovani Lorandi</i>	

Paula Sartori

DOI 10.22533/at.ed.82519150719

CAPÍTULO 20 186

REESTRUTURAÇÃO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

Eliane Paganini da Silva

DOI 10.22533/at.ed.82519150720

CAPÍTULO 21 199

TEXTOS ESCRITOS- O DIZER ÀS MARGENS: O DITO E O NÃO DITO NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Vânia Carmem Lima

DOI 10.22533/at.ed.82519150721

CAPÍTULO 22 206

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E O TRATO COM A DIVERSIDADE NA ESCOLA PÚBLICA: TAREFAS DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA

Paulo Antônio dos Santos Júnior

Maria Jucilene Lima Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.82519150722

CAPÍTULO 23 222

ARTE AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA ESCOLA: REVENDO A LITERATURA, ENTENDENDO OS PERCURSOS

Lucas de Vasconcelos Soares

Maria Antonia Vidal Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.82519150723

CAPÍTULO 24 228

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA EM EAD

Rosalva Pereira de Alencar

Waghma Fabiana Borges Rodrigues

Alexandre Ferreira Alencar

Viviane Rodrigues Mendes

Thiago Silva Garcia Duarte

DOI 10.22533/at.ed.82519150724

CAPÍTULO 25 240

INTERNET Y CINE COMO ALIADOS EN LA ENSEÑANZA DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN: UNA EXPERIENCIA EN BRASIL

Antônia de Araújo Farias

DOI 10.22533/at.ed.82519150725

SOBRE A ORGANIZADORA..... 249

TEXTOS ESCRITOS- O DIZER ÀS MARGENS: O DITO E O NÃO DITO NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Vânia Carmem Lima

Universidade Federal de Jataí/UFJ Unidade Acadêmica Especial, Ciências Humanas e Letras
Jataí - Goiás

RESUMO: Este trabalho objetivou analisar quatorze textos dissertativos, produzidos por discentes de uma turma de “Redação”, como preparação para a seleção do ENEM, do Centro de Línguas da UFG – Regional Jataí, verificando o que eles decidem explicitar e implicar na construção textual. Sabe-se que todo texto deve contar com a participação ativa do interlocutor, a quem cabe preencher os espaços “vazios”, na busca pelos sentidos que são construídos e reconstruídos pelo leitor. Assim sendo, os implícitos funcionariam como suportes do dizer e como fatores de coerência textual. O trabalho se fez em três etapas: a primeira consistiu em apresentar aos alunos o tema para a produção textual - Legalização ou não do porte e posse de armas de fogo no Brasil, acompanhado de uma coletânea; na segunda, os discentes elaboraram, sem a intervenção do professor, um texto dissertativo-argumentativo e, na terceira, observou-se como o autor tomou a palavra e assumiu o seu dizer, o que orientaria a reescrita, posteriormente. Em muitos textos analisados, verificou-se a supremacia do discurso explicitado em detrimento da sua incompletude,

como pressupostos, implícitos, levando os leitores a uma atitude “não-responsiva” e a uma leitura desinteressante, destituída de inferências e de hipóteses levantadas na leitura. Algumas razões para esse fato são: o domínio insuficiente dos recursos textuais discursivos e o não reconhecimento da produção textual, como evento comunicativo entre agentes na interação. Assim, vê-se a necessidade de um trabalho em sala de aula em que os alunos reconheçam os textos como efetiva prática de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Produção textual. Recursos linguísticos. Implícitos. Estratégias do dizer.

ABSTRACT: This paper aimed to analyze fourteen essay texts, produced by students of a Writing group, preparing for the ENEM selection, from Language Center of UFG in Jataí, verifying what they decide to explain and implicit in textual construction. It is known that every text must count on the active participation of the interlocutor, who must fill the “empty”; spaces, in the search for the senses that are constructed and reconstructed by the reader. Therefore, the implicit ones would function as supporters of the saying and as factors of textual coherence. The production followed three steps: the first one was to present to the students the theme for the textual production - Legalization or not

of firearms possession in Brazil, accompanied by a collectanea; in the second one, the students elaborated, without the teacher's intervention, a dissertative-argumentative text and, in the third one, it was observed how the author took the floor and assumed his saying, which would guide therewriting, later. In many texts analyzed, the supremacy of the explicit discourse was verified to the detriment of its incompleteness, as presuppositions, implicit, leading the readers to a "non-responsive" attitude and to an uninteresting reading, devoid of inferences and hypotheses raised during the reading. Some reasons for this are: the insufficient domain of discursive textual resources and the non-recognition of textual production, as a communicative event between agents in the interaction. Thus, we see the need for classroom work in which students recognize texts as effective language practice.

KEYWORDS: Textual production. Language resources. Implicit. Strategies of saying.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve por objetivo analisar quatorze textos, produzidos por alunos de uma turma de "Redação", preparatória para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), do Centro de Línguas da UFG – Regional Jataí, no ano de 2017, com foco em textos do gênero discursivo - argumentativo, verificando o modo como o aluno/autor mobiliza os recursos linguísticos para desenvolver, de forma escrita, o tema proposto. Ou seja, o intuito foi tentar compreender o que o produtor do texto decide tornar explícito e o que deixa na implicitude, na tessitura textual, ao contar com a colaboração do leitor. Para tanto, usou-se de coletânea que tratava do tema: Legalização ou não do porte e posse de armas de fogo no Brasil, seguida de discussão.

O propósito era, portanto, verificar como os alunos se apropriam dos recursos linguísticos na produção textual de modo a considerar o outro como interlocutor ativo do processo, colaborador, portanto, do processo constitutivo textual. Para tanto, algumas indagações fizeram-se necessárias ao desenvolvimento do trabalho: Contam esses produtores com o conhecimento de mundo do parceiro no evento comunicativo? Que estratégias mobilizam para o alcance das intenções pretendidas nessa ação de linguagem? Consideram a ação colaborativa do leitor na construção dos sentidos desse evento de comunicação?

Esses são os aspectos a serem observados na produção dos alunos, na tentativa de compreender o percurso textual feito pelo produtor do texto, a partir do reconhecimento ou não do interlocutor como colaborador e negociador de sentidos, dado o gênero em questão. Assim, a partir dos dados encontrados nos textos, o professor poderá melhor orientar o aluno no processo da rescrita, feita em etapa posterior, quando então o autor do texto torna-se outro no processo de escritura – o leitor, processo esse que se alinha àquilo que Bakhtin denomina de excedente de visão ou exotopia pois,

O primeiro momento da minha atividade estética consiste em identificar-me com o outro: devo experimentar – ver e conhecer – o que ele está experimentando, devo colocar-me em seu lugar, coincidir com ele (...). Devo assumir o horizonte concreto desse outro, tal como ele o vive. (BAKHTIN, 1992, p. 45).

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme afirma Antunes (2009), toda produção escrita se caracteriza como objeto incompleto, constituído de espaços vazios, uma vez que o seu fim principal é a comunicação e interação com o outro, ou seja, a troca entre as partes envolvidas nesse processo de negociação: leitor e autor. E, justamente por isso, o texto necessita, na sua efetivação, da ativa participação do interlocutor, a quem cabe preencher tais espaços vazios por meio do conhecimento pessoal, partilhado e presumido a partir dos índices textuais e do contexto de interação, pois, como afirma Antunes (2009, p. 113), a incompletude do texto representa uma condição de sua coerência.

Nesse sentido, há de ter lugar fundamental na trama linguístico-discursiva os implícitos (pressuposto, subentendido, inferência), os vazios linguística e pragmaticamente autorizados pelos contextos de interação, como suportes do dizer e como fatores de coerência textual.

A pressuposição, conforme explicita Antunes (2009, p.118) é "um conjunto implícito de dados, anteriores à real efetivação do ato comunicativo." Vale ressaltar que esses dados constituem elementos linguísticos, ou seja, elementos relativos à língua enquanto idioma. Ou seja, são elementos que se encontram pressupostos ao que é afirmado e que por isso se mantêm na negação e na interrogação.

Subentendido ou implicação, por sua vez, diz respeito a fatores contextuais, ao extralinguístico, situados fora do texto escrito, mas ainda assim, dependente de fatores linguísticos. Além disso, é preciso frisar que "na implicação a verdade de uma afirmação depende, necessariamente, da verdade da outra"(Antunes, 2009 p. 118).

Por fim, o "termo inferência é comumente reservado para informações implícitas que são identificadas com o apoio de nosso conhecimento de mundo, informações que se relacionam, portanto, com o saber partilhado pelos interlocutores", ou seja, é uma dedução (Antunes, 2009 p. 118).

Todos esses elementos são a base do silêncio fundador que, segundo Orlandi (2012), é aquele que existe nas palavras, que dá espaço de recuo significante e é, pois, a garantia do movimento de sentido. São necessárias a falta e a incompletude para a interação com o texto, pois "o silêncio é a própria condição da produção de sentido. Assim, ele aparece como espaço 'diferencial' da significação: 'lugar' que permite à linguagem significar."(ORLANDI, 2012, p.68), não havendo, portanto, linguagem fora do silêncio. Silêncio esse que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro. Conforme sustenta a autora,

O silêncio não é um vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do “vazio” da linguagem como um horizonte e não como falta. Evidentemente não é do silêncio em sua qualidade física de que falamos aqui, mas do silêncio como sentido[...] (ORLANDI, 2012, p.70).

É, portanto, a partir desse processo-movimento que se dá a relação de alteridade autor/leitor pois,

Discursivamente, não há nem um sujeito-absoluto, autossuficiente, nem um sujeito-complemento, inteiramente determinado pelo fora. Esse espaço da subjetividade na linguagem é um lugar tenso onde jogam os mecanismos discursivos da relação com a alteridade.

(ORLANDI, 2012, p.80).

3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o alcance dos objetivos do trabalho, foram necessárias três etapas interligadas, realizadas durante o trabalho de Redação.

A primeira consistiu em apresentar aos alunos o tema para a produção textual posterior - Legalização ou não do porte e posse de armas de fogo no Brasil. A partir da leitura da coletânea, os alunos se inteiraram acerca da temática identificando os argumentos contrários e favoráveis e definindo, assim, seu posicionamento, o que é fundamental para a tipologia exigida.

Na segunda fase, os discentes elaboraram, sem a intervenção do professor - uma vez que se tratava de uma atividade avaliativa - um texto dissertativo-argumentativo defendendo sua perspectiva acerca do tema.

Ao fim, procedeu-se a leitura e análise dos textos, observando como o autor tomou a palavra e assumiu o seu dizer na mobilização ou não dos implícitos (pressupostos, subtendidos, elipses, inferências) e os efeitos causados por essas “escolhas” ou por essas ausências.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisarmos algumas produções textuais dos alunos verificou-se, em grande parte delas, a supremacia do discurso explicitado em detrimento daquilo próprio das línguas naturais - a sua incompletude. Dessa maneira, o muito “cheio” do tecido textual concorreu para uma leitura enfadonha, desinteressante, e até mesmo para uma atitude “não-responsiva” por parte dos agentes da interação (BAKHTIN, 1995), prejudicando o próprio processo interativo.

O que chamamos aqui de muito "cheio" é uma expressão utilizada por Orlandi (2002) e se refere à desconsideração do conteúdo extra linguístico, quando o autor lança mão de tautologias, o que resulta em uma produção com limitado grau de

informatividade e atratividade.

Conforme Irandé (2009), a informatividade diz respeito ao grau de imprevisibilidade do texto. Quanto mais têm lugar ocorrências previsíveis, menor o grau de informatividade e, quanto mais novidade e imprevisibilidade, mais elevado é esse grau. É nisso, aliás, que reside a criatividade, a autonomia, tão requerida nos planejamentos escolares e tão negligenciada na efetiva prática pedagógica.

Desse modo, fugir ao óbvio, afastando-se das produções típicas, surpreendendo o leitor, com a quebra do padrão estabelecido, é o que torna mais informativo e atrativo o texto. Nesse sentido, fazer a adequação do texto à cena de sua ocorrência implica saber administrar o grau de informatividade que o discurso terá, função esta que cabe à escola como principal agência de letramento.

Entretanto, a escola, como guardiã dos valores instituídos e tradicionalmente aceitos, não tem estimulado o aluno a experimentar a linguagem fora dos modelos, à “desobediência” aos padrões, a arriscar-se no imprevisível e inesperado. Nesse sentido, todo o contingente de informações implícitas que fica, de um modo ou de outro, subjacente ao texto, é subestimado, uma vez que a escola tem se limitado, não raro ao que está expresso na superfície do texto, aos planos sintáticos e morfológicos da língua, ficando de fora a imensa questão dos implícitos, dos “vazios”, como se tudo que é dito estivesse literalmente expresso.

Em vista disso, podem ser levantadas algumas razões para explicar tal situação. Uma delas pode consistir na necessidade de preencher todo o espaço em branco do papel, ou encarar o “muito escrever” como sinônimo de um bom texto. E, nesse caso, na falta do que dizer, parafraseia-se o dito com detalhes desnecessários, numa linguagem circular, no intuito de ampliar o texto e alcançar o maior número de linhas, pois, conforme sustenta a autora:

No domínio da linguagem em geral, e não só no espaço poético, como pretende um clássico poeta inglês, parece uma só coisa, sempre a mesma, usando-se o já usado, vestindo-se de novo as velhas palavras [...] (ORLANDI, 1996, p. 10).

Outra razão pode ser o insuficiente domínio dos recursos textuais e discursivos por parte dos alunos, o que os impede do uso de pressupostos, elipses, subtendidos, implicaturas, limitando-se ao uso exacerbado da linguagem explícita e do previsível, em detrimento da simulação, do não esperado, ignorando, assim, a via dupla constitutiva de todo texto. Desse modo, tais atitudes desqualificam a produção e o próprio poder expressivo do aluno, pois ignoram o texto enquanto unidade interativa, cujos sentidos fazem-se na ação colaborativa do leitor, na relação eu/outro.

Por fim, o não reconhecimento da produção de texto como prática efetiva de linguagem, mas como um dever, uma tarefa a ser realizada e acabada na sala de aula, sem ter claro para quem se escreve, como parte das condições de produção (GERALDI, 1999), pode ser outro fator que explica o exagero dos “cheios” no texto e a pouca exploração dos implícitos e não ditos como elementos constitutivos do

texto, instauradores dos movimentos deslizantes de sentidos que, no texto, fazem com que outros sentidos possam ser construídos, não sendo, portanto, fixos e únicos. (ORLANDI, 2001).

Somando-se a isso, existe ainda a crença no sentido verdadeiro, na resposta correta, visão herdada dos manuais didáticos e de redações, em que se valoriza o modelo, a previsibilidade, instaurando no aluno o medo de se arriscar a dizer a sua palavra ou até mesmo a não dizê-la, mas simulá-la nos vazios, nas margens, nas frestas por onde os sentidos são construídos na colaboração do leitor.

Nessa perspectiva, conforme Orlandi (2001), o trabalho com a linguagem não pode se dar como evidência; oferece-se como lugar de descoberta, de jogo entre a explicitude e a implicitude, entre o que vem na superfície e o que vem submerso, às margens, às sombras, o que pode resultar no gosto por dizer e usar a palavra, no gosto pelo trabalho com a linguagem pelo falante do próprio idioma. Esse, aliás, constitui um dos objetivos e finalidades do ensino de língua – propiciar ao aluno o uso competente da linguagem na construção de si e de sua cidadania, como condição para o seu pertencimento a uma sociedade letrada, pois “a escola não pode furtar-se ao papel formador do cidadão técnica, política e socialmente capaz” (ANTUNES, 2009, p. 104).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do exposto e considerando a prática de produção de textos, na perspectiva aqui abordada, ainda pouco efetiva, pode-se compreender e explicar a grande dificuldade dos alunos em explorar os implícitos, pressupostos e elipses em seus textos, dado ao fato de não conhecê-los, não dominá-los e, sobretudo, por não reconhecer o outro, interlocutor, como seu parceiro ativo na realização do evento comunicativo.

Conforme postula Eco (1985), a atividade colaborativa do leitor faz ver no texto aquilo que o texto não diz, embora prometa, preenchendo os espaços vazios e relacionando o dito com o não dito, na negociação de sentidos. Essa negociação, porém, só pode ser efetivada se o produtor perceber que existe um destinatário para o seu texto, aquele a quem se dirige para dizer algo, esperando dele, por outro lado, uma atitude responsiva de diálogo, já que o indivíduo não é uma tábula rasa, ao contrário, é detentor de saber, de conhecimento, elementos com os quais o produtor do texto deve contar, num processo de compartilhamento e de alteridade.

Daí a relevância de se trabalhar tais recursos linguísticos com os alunos a fim de que aprimorem essa habilidade e desenvolvam produções de forma autocrítica e consciente, percebendo, assim, a incompletude da linguagem, pois, conforme Orlandi (2002), o dizer precisa da falta para o movimento dos sentidos. Assim, é necessário levar os alunos a perceberem o texto como um movimento de alteridade, um artefato

de interação, e a linguagem como não transparente, pois como apregoa Marcuschi,

[...] é possível ser coerente e coeso sem seguir linearmente e na superfície [...] na língua nem tudo é transparente [...] muitas coisas só se constroem na relação com o leitor no ato da escritura voltada para a interação. O que se dá igualmente na produção oral (2012, p.35).

E é justamente por isso que, no texto, falam-se as margens, os silêncios, os fragmentos de linguagem, cabendo as lentes leitoras captarem os movimentos dos sentidos: deslizantes, efêmeros, pois o sentido não pára, ele muda de caminho, porque a linguagem está em curso....

Como nas palavras de Cassiano Ricardo, “não adianta quereremos ser claros. A lógica não convence, a explicação nos cansa. O que é claro não precisa ser dito”.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Michael. **Marxismo e filosofia de linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. Espanha: Planeta de Agostini, 1985.

GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula**: leitura e produção. 3 ed. São Paulo: Ática, 1999.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Linguística de texto**: o que é e como se faz? São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, 3. ed., SP: pontes, 2001.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1996.

SOBRE A ORGANIZADORA

Kelly Cristina Campones - Mestre em Educação (2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-482-5

